

## (RE)FLUXO

### Ou o que aprendi em cinco anos de um ciclo<sup>1</sup>

Vítor Da Silva Lebre Pezarezi<sup>2</sup>

“Bem, eles diziam que tudo terminaria assim: velho. o talento perdido. tateando às cegas em busca da palavra ouvindo os passos na escuridão, volto-me para olhar atrás de mim... ainda não, velho cão... logo em breve”. Charles Bukowski

Começamos do começo, do início, do princípio, da esquina em que viramos, do prédio azul, branco, já não sei mais. Sei que possui ladrilhos, é feio, nem parece de um curso, muito menos arquitetura. Porém aprendemos a amar. Cinco anos passam rápidos demais, oito pessoas que viram cinco, que viram três, e no final é só uma. Opa! Na verdade, duas, quem diria. Quando a força acaba, e a luz brilha no fim da rua, o poste pisca te chamando. Não é o que você queria, mas talvez seja uma saída, uma oportunidade, melhor dizendo. Um futuro. Opa! Aquele futuro já não está mais aí. Você está cansado, a ilusão passou, a realidade bateu e os medos tomam conta de você. Tudo acontece ao mesmo tempo - em todo lugar? Tudo faz sentido, ao mesmo tempo em que nada faz sentido. As pessoas vêm e vão. Um papel toma uma forma, uma forma vira um edifício. Um edifício vira uma profissão. Será? Você se sente insatisfeito. Você já é constantemente cobrado, e se cobra ainda mais. Chega. Ponho um ponto final, que de final não tem nada. Você se retira. Eu me retiro. Todos se retiram. Não sobra nada. Você inicia. Começa. Não termina. TERMINA! termine. Por favor, termine. Você terminou. Parabéns, volte ao começo. Volto. Todos voltamos. A ilusão se foi, se esvaiu, a sombra a luz sumiu e a escuridão reapareceu. Você se encontra perdido, eu estou perdido. Imagino que todos estejamos. Mas uma mão vem te salvar, te segura, te puxa pra cima que na verdade é embaixo. Seu mundo vira de ponta cabeça, e você recomeça. Recomeça do início. E tudo se encaixa. Ou melhor, sejamos realistas, algumas peças se encaixam, mas as coisas parecem bem. Você segue e as coisas voltam a fazer sentido. Tudo bem. Sigamos. Cinco anos também é muito tempo, o quanto sua vida muda, suas perspectivas, seus caminhos, seus tijolos. Pessoas lhe cruzam o caminho. Pessoas ficam para trás, outras aparecem no final, e estas ficam eternamente. Te agarram, agarre de volta. Abrace. Abracei, saudades. Muitas, de tudo, de todos. Relações mudam, dores passam, novas dores vêm. Bobeiras passam e você se toca do quão bobo era. Pois você amadurece, novos assuntos lhe interessam, novas fases tomam conta e novas preocupações te preocupam. Outros não amadurecem, outros permanecem. Outros retrocedem. Mas todos saem marcados, manchados. De tinta, de lápis, de caneta, de cortes, estiletes, tesouras, de cola. Principalmente de cola, cola demora a sair, que saco! Você abraça. Para. Volta a abraçar. Sente vontade, mas não abraça. Você conversa. Para. Silêncio. Saudades. Uma palavra que só existe na língua portuguesa. Você consegue explicar o que significa saudade? Não! Nem eu. Acho que ninguém. Mas sentimos. Sinto. Perdão. Peço. Pedi, não peço mais.

<sup>1</sup> Por se tratar de uma chamada para textos de caráter informal, experimental, optei por transcrever minha própria experiência com o espaço (e sentimentos, pessoas) durante minha formação acadêmica em arquitetura, através de fluxo contínuo de pensamento. Trazendo por inspiração Hilda Hilst e, portanto, sem referências bibliográficas.

<sup>2</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP (2022) com trabalho de conclusão de curso sobre patrimônio cultural e arquitetônico que atingiu nota máxima em avaliação, com o título “O cinema como ferramenta patrimonial de requalificação urbana: O caso do centro de Ribeirão Preto”. Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista - UNESP de Bauru, com ênfase em História, Teoria e Projeto.

Desculpas se pede se erramos. Errei. Conversei, resolvi. Resolvemos. Pendências. penitências. Dores. Amizades. Isto permanece, poucos, pouquíssimos. Mas quando permanece, nada mais importa. É pra sempre. Agradeço. A vocês. Aprendi. Agradeço. Sim! Muito! A vocês principalmente. Broncas, lições. Alguns momentos ignoramos, brincamos, machucamos. Cinco ciclos. Ou um só? Digo adeus, com os dentes cerrados, coração machucado. Rimou. Foi sem intenção. Sem expressão. Gatilho. Sem expressão. Sim, você fica sem expressão, você cria uma casca, não demonstra, não se permite. Isso dói, isso corrói. Rimou de novo. Deixa-me voltar ao ponto. Aprendi, sim, muito. Me transformei. Me transtornei, sim, também muito. Muitas noites mal dormidas. porém, muitas recompensas. Às vezes sonhando com o próprio sofrimento, as vezes com o *delicatessen* - não sei por que esta palavra me veio à mente - às recompensas, em repetindo. Aprendi a aprender. A escutar, a fazer. Um traço que rasga a folha e se transforma e matéria prima. Matéria da vida, da essência que se sequencia o raciocínio. Aprendi a construir, a projetar, a desenhar, a escrever, a raciocinar, a pensar, a parar, a refletir, a verbalizar. A defender, com certeza. Um ano de direito me bastou. Mas cinco de arquitetura - finalmente disse do que se trata - me mostraram que defender vale a pena. Defender suas ideias, embasá-las. Segurá-las. Apresentá-las. Destrinchar seu raciocínio comum para os não comuns. Arquitetar está na própria palavra. Está além de construir uma casa, um prédio, paredes, vidros, alvenaria, fechamentos, esquadrias. Se trata de tudo aquilo que você quiser. Isto mesmo, seja criativo. Criatividade, Criatividade. Aulas. Tive aos montes. Em um ano, aprendi mais que em todos os cinco. Aprendi muito mais do que a faculdade me ensinou, pois ali havia - e há, assim espero - pessoas que amam ensinar. Que me ensinaram a amar ensinar. Paradoxo? talvez. Vivía prometendo pra mim mesmo que jamais ensinaria, vendo minha mãe, meu pilar passar raiva sempre em seu ofício. Sua profissão. A mais nobre de todas. A indispensável, sem a qual nenhuma outra poderia existir. Aprendi a ser criativo, a pensar, a expor. Aprendi a aprender. Saio sabendo o que ou no momento, mas não o que quero ser. Pois aprender é um processo contínuo, que não para e nem pode parar. Aqueles que param, param no tempo. E neste momento - gente - quanta gente parada no tempo. Mas não adentremos este assunto. Pois este sim, causa muita raiva, desgosto. Coisas ruins. Coisas ruins, sim, houveram, e neste fim, também hão. Discussões, brigas, apesar de poucas, desilusões. Álcool. Café. Energia. Coração. Cinco anos que mais parecem dez. A ponto de meu próprio corpo mudar. Meu coração sofrer e se demonstrar frágil. Impedido. restrições. É bizarro e assustador pensar o que vem daqui pra frente. Ninguém sabe. Você que acha que sabe. Você não sabe. Me tremo. Temo. Choro. Me apavoro. Minha cabeça dói. Meus olhos pesam. Leio. Ouço. Crio. Criatividade. Criava. Não crio mais. Anos que me mudaram, me tiraram pessoas, me tiraram de mim mesmo. Não sou eu mesmo. Tenho medo de nunca mais ser. Tenho medo de mim mesmo. Me aprisionei, e não imagino onde encontrar a chave. Chave. Sucesso. O que é sucesso? Por que você deve ser igual aos outros? Dinheiro? Fama? Quanta bobagem. Ponha os pés no chão. Passado. Se lembre. Memória. por que que estou associando palavras? Isto não era um fluxo? Refluxo. Fluxo-floema. Hilda Hilst. Escrevo porque quero me expressar, e não sei como. Quero estes cinco anos de volta. Quero minha criatividade de volta, minha tia, meu avô, minha cachorra. Quero chorar, sofrer, sair, gritar. Quero amar. Encontrei o amor, amar no final não é clichê? Amo, amo a história construída. Amo história e é isso que quero levar, é isso que quero seguir. A academia, os livros, a memória. Preservar. Ressuscitar. Me ressuscitar. Arquitetura é tudo isso. É, no fim das contas, construir, construir a memória, o momento, uma cultura, um símbolo, uma função, um uso. Pessoas. No fim é isso que levo, pessoas. Construir para pessoas. Viver para pessoas. Viver para si mesmo. Construir para si mesmo.